

BUENO, Igor Alexandre Silva; MARCHI Jr, Wanderley. "O gerenciamento/administração das emoções nos atletas brasileiros". *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, pp. 213-225, abril de 2020, ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

O gerenciamento/administração das emoções nos atletas brasileiros

The management/administration of emotions in Brazilian athletes

*Igor Alexandre Silva Bueno
Wanderley Marchi Júnior*

Recebido: 29.11.2019
Aceito: 07.02.2020

Resumo: As emoções estão presentes tanto nas atividades físicas quanto nas competições esportivas oficiais, elas fazem parte do esporte e geram várias formas de sentimentos – como alegria, raiva, medo, insegurança, vergonha, etc. Invariavelmente, as práticas esportivas levam o ser humano a um intenso nível de excitação modificável que podem vir a prejudicar ou potencializar o desempenho do atleta, logrando assim, a sua vitória ou a sua derrota. O propósito deste artigo é refletir sobre a economia/gerenciamento das emoções dos atletas brasileiros em competições esportivas. Buscou-se pensar como as marcas emotivas estão relacionadas com as expectativas geradas no espaço esportivo e como elas são recrutadas e exigidas dos atletas. Para a realização deste trabalho, a metodologia empregada tem por base uma pesquisa de revisão bibliográfica. Como fundamentação teórica, buscou-se relacionar autores da Sociologia do Esporte e das Emoções a fim de pensar a administração emocional nas práticas esportivas. Conclui-se que as características emotivas dos atletas brasileiros tendem a ser relacionadas com um imaginário que vincula as características emocionais do povo a ser “vendido” em competições de alto nível como marca de distinção do “jeito brasileiro”. Essas características influenciam na forma como e construído e interpretado o desempenho dos competidores brasileiros. **Palavras-chave:** emoção, esporte, Brasil, sociologia do esporte, gerenciamento das emoções

Abstract: Emotions are present in both physical activities and official sports competitions, they are part of the sport and generate various forms of feelings - such as joy, anger, fear, insecurity, shame, etc. Invariably, sports practices lead the human being to an intense level of modifiable arousal that may impair or enhance the athlete's performance, thus achieving his victory or defeat. Thus, the purpose of this article is to reflect on the economy / management of emotions of Brazilian athletes in sports competitions. We sought to think about how emotional brands are related to the expectations generated in the sports space and how they are recruited and demanded from athletes. For this work, the methodology used is based on a literature review research. As a theoretical foundation, we sought to relate authors of the Sociology of Sport and Emotions in order to think about the emotional administration in sports practices. It is concluded that the emotional characteristics of Brazilian athletes tend to be related to an imaginary that links the emotional characteristics of the people to be "sold" in high level competitions as a mark of distinction of the "Brazilian way". These characteristics influence how the performance of Brazilian competitors is constructed and interpreted. **Keywords:** emotion, sport, brazil, sociology of sport, emotion management

Introdução

O suor na pele do atleta são lágrimas que o corpo chora na alegria do esforço.
Armando Nogueira *Alegria do esforço*

A frase do jornalista e cronista esportivo brasileiro Armando Nogueira¹ nos faz refletir sobre a relação entre o esporte e as mais diversas emoções. Para Nogueira, o corpo materializa o sentimento de alegria gerado pelo esforço em forma de emoção, o empenho do atleta é comprovado pelos sentimentos que lhe transbordam sobre a pele em forma de lágrimas. Nas palavras do jornalista é notória e indissociável a relação entre as atividades esportivas e as emoções. No mundo esportivo não faltam exemplos.

As emoções estão contidas no grito de vitória, no nervosíssimo ao bater um pênalti, na tensão que antecede a competição, no medo ou raiva contra o adversário, na pressão para se evitar a derrota. As atividades esportivas podem causar um turbilhão de sentimentos—tanto para quem as assiste, quanto para quem as pratica.

Se bem aproveitadas, as emoções podem contribuir para gerar uma infinidade de sentimentos como excitação, euforia e determinação. Também podem prejudicar a forma como o atleta se comporta na disputa comprometendo a sua atuação com o nervosismo, por exemplo. As emoções são duplamente poderosas, potencializam ou arruinam o desempenho do atleta (VIEIRA, et al., 2008). Saber controlar as emoções é também um aspecto indispensável no mundo esportivo.

O controle emocional pré, pós e durante competições é importante, principalmente em esportes de alto rendimento que buscam máxima performance. Segundo Moraes (2008), o nível de “stress” competitivo afeta o desempenho do atleta causando-lhe ansiedade que pode distorcer a percepção externa causando reações adversas e erros. Por isso, a preocupação de psicólogos esportivos, técnicos e atletas, visto que o fator psicológico pode influenciar de forma marcante nos resultados esportivos esperados (MORAES, 2008).

Para Iizuka et al. (2005), é importante que o atleta desenvolva habilidades para identificar e controlar suas emoções para remete-lo a um estado ideal, isso o ajudará a ter melhor desempenho durante diferentes momentos competitivos. Além disso, de acordo com Samulski (2006) é fundamental para o atleta o desenvolvimento da autoconfiança, concentração, treinamento de habilidades mentais, controle emocional e da capacidade de relaxamento e recuperação.

Com base nessas ideias, o propósito deste trabalho é pensar a respeito da economia/gerenciamento das emoções dos atletas brasileiros em competições esportivas. Buscou-se pensar como as marcas emotivas estão relacionadas com as expectativas geradas dentro do campo esportivo. Desta forma, almejou-se compreender como é recrutada e exigida dos esportistas a administração emotiva, relacionando estes fatores com aspectos culturais. Trata-se de situar a economia das emoções dos competidores brasileiros no conjunto de discursos verbalizados para pensar a emotividade como marca da identidade social e singularidade dos atletas brasileiros.

Metodologia

Valendo-se da pesquisa de revisão bibliográfica, selecionaram-se livros e artigos de autores da sociologia e da psicologia das emoções, bem como artigos

¹Armando Nogueira, importante jornalista e cronista esportivo, responsável pela implantação do jornalismo da Rede Globo, onde criou programas como o Jornal Nacional e o Globo Repórter.

jornalísticos de versavam sobre a relação entre esporte e emoção que pudessem fomentar e exemplificar a discussão.

Para a reflexão, nos baseamos em alguns conceitos de Clifford Geertz (1989), Norbert Elias e Eric Dunning (1992) para pensar a interpretação cultural a respeito do controle das emoções na formação das sociedades. De Arlie Hochschild foram empregados às reflexões a cerca da economia das emoções no âmbito do trabalho contidos em seu livro *The managed heart commercialization of human feeling* (1983). As proposições de Hochschild nos auxiliaram para refletir a existência de expropriação das emoções dos atletas em competições. Esses apontamentos foram importantes para pensar a possível existência de uma forma ideal de sentir adequadas as expectativas comportamentais nas competições esportivas.

Em termos organizacionais deste trabalho, o artigo encontra-se dividido em dois momentos. No primeiro, discute-se a relação entre emoção, cultura e esporte – traçando uma abordagem sobre como os aspectos emocionais estão relacionados, na maioria dos casos, com fatores culturais e como isso afeta o modo como entendemos e percebemos as práticas.

Já no segundo momento, aborda-se a respeito de como é feita a administração das emoções nos esportes e como isso tem, em certa medida, construído o imaginário do que seja o atleta brasileiro deva estar em consonância com uma pretensa ideia de identidade nacional brasileira. Por fim, as considerações finais buscam um resgate dos principais pontos discutidos no artigo e alguns encaminhamentos conclusivos.

Emoção, cultura e esporte

Dentro e fora do universo dos esportes as emoções tocam os seres humanos de tal forma que acabam por lhes conferir atributos de identidade sociocultural. Elasmarcam o sujeito no seu modo de ser, tanto individualmente quanto coletivamente, conferindo-lhe características comportamentais, sociais e culturais. Quando relacionadas, cultura e emoção atuam nos enviando sinais que nos auxiliam no processamento de informações externas presentes no ambiente, sendo possível avaliar situações e criar formas de ação (JASPER, 2016).

Jasper (2016) ressalta que somos ensinados a entender e controlar as emoções a fim de nos ajudar a processar as informações sinalizadas no ambiente em que estamos inseridos: “Aprendemos onde e quando mostrá-las e denominá-las, compreendemos melhor as situações pela via do sentimento do que pelo pensamento consciente. Por fim, a moral, que são um conjunto de princípios e intuições.” (JASPER, 2016, pp. 26-27).

De modo geral, as emoções nos enviam sinais que nos ajudam a processar, avaliar e agir. Por meio da relação com as emoções, nós, seres humanos, podemos entender o mundo e julgar nossas próprias ações, caracterizando a personalidade individual. Segundo Berger e Luckmann (1991, p. 230): “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. A partir dessa ligação, o manejo com as emoções pode, em grande medida, definir a forma comportamental de uma sociedade, a maneira como membros pertencentes a uma cultura vão se expressar publicamente ou particularmente. Pensando dessa forma, as reações derivadas das emoções podem ser entendidas como um espírito social, uma maneira de relacionar com os sentimentos, uma distinção ou marca cultural, haja vista que comportamentos, expressões e modos estão atrelados a cultura e a emoção (BERGER; LUCKMANN, 1991).

Corroborando com tal perspectiva, Hillebrand (2006) afirma que a relação entre o homem e a cultura está para além do que é visível. Cada sociedade estabelece para seus membros as formas aceitáveis e não aceitáveis de comportamentos, de

expressões e da relação que se estabelece com a emotividade. Essas diferentes formas de manejo dos sentimentos são os traços que nos caracterizam culturalmente. O antropólogo Geertz (1989) ressalta que na ausência de padrões culturais:

...o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, pois cultura é... um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes... um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento. (GEERTZ, 1989, p. 58)

Para Geertz (1989) a cultura auxilia o homem na relação com o outro, com seu ambiente e com suas emoções. A cultura é para Geertz (1989) um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras e instruções socialmente construídas que, em certa medida, gerenciam o comportamento humano. Isso tudo afeta diretamente as formas de expressar as emoções, variando assim de sociedade para sociedade.

Em agosto de 2018, o Instituto Gallup fez uma pesquisa que buscava avaliar o grau de felicidade e emotividade das pessoas mundo afora. Com base em 151 mil repostas, proveniente de adultos de mais de 140 países, a investigação chegou à conclusão os países latinos mais emotivos são Bolívia, El Salvador e Equador. Por outro lado, países do leste europeu são mais “frios” como Ucrânia, Rússia e Lituânia por sorrirem mesmo e expressarem pouco suas emoções. O Brasil enquadra-se no grupo dos mais emotivos afirma a pesquisa (LUISA, 20).

De acordo com o estudo, as variações emocionais têm ligação com a expressão de sentimento como: raiva, dor, estresse, diversão e sensação de bem-estar entre outros. (LUISA, 20). Pelos motivos apresentados na investigação da Gallup é comum se escutar afirmações que os europeus são menos emotivos, os alemães são considerados pessoas frias e que pouco transparecem seus sentimentos, os japoneses são tímidos e compenetrados, os brasileiros são festivos, alegres e se emocionam com facilidade, por exemplo.

Essas são algumas generalizações atribuídas a esses povos. Contudo, isso não significa que todos os pertencentes à determinada cultura ou país tenham o mesmo comportamento. Muitos fatores podem influenciar individualmente cada sujeito no que se refere a sua expressividade emocional. Nesse sentido, o estudo feito pelo Instituto Gallup baseia-se na forma com as pessoas lidam ou expressão suas emoções, contudo, tecer afirmações categorias sobre as características emocionais de um povo é algo relativo e arriscado.

Mesmo assim, essas marcas emotivas de cunho generalizador, em muitos casos tornam-se característica do tipo; autocontrole, empatia, automotivação, resiliência e assertividade. Essas características ou “padrões” vão determinar o modo como se enfrenta questões amorosas, profissionais, sentimentais. Todos aquelas pessoas que divergem podem, em certa medida, ser classificadas como instáveis, descontroladas, inadequadas emocionalmente para os comportamentos emocionais padrões de um grupo ou cultura, uma vez que, segundo Alves (2006), nas interações sociais se estabelecem entre a competência emocional e a competência social.

Esses padrões são instituídos com a interação com outros indivíduos e com o ambiente (ALVES, 2006). Assim “o desenvolvimento emocional beneficia a comunicação social e o relacionamento com os outros, pois permite reconhecer e interpretar corretamente as expressões de modo a adequar o comportamento a situação ou ao outro” (ALVES, 2006, p 54).

Contudo, o mundo profissional tem nos pressionado a ter uma postura e controle emocional cada vez maior. Em seu estudo seminal, Hochschild, (1983), discute o impacto social do capitalismo na dimensão emocional individual especialmente

vinculada à vida profissional. A socióloga estadunidense evidenciou que é cada vez mais exigido dos profissionais — de diversas áreas — um controle emocional para que se tenham comportamentos compatíveis com o que é esperado nas funções exercidas dentro das organizações empresariais. Isso tem se tornado requisito no mundo empresarial (HOCHSCHILD, 1983).

As emoções, que até então eram ligadas ao universo pessoal, passam a ser ditadas e orientadas pelas demandas geradas pelas empresas (HOCHSCHILD, 1983; BONELLI, 2003). Além da força de trabalho, as relações laborais agora perpassam também os sentimentos do trabalhador (BONELLI, 2003). Eles são obrigados a moldar suas emoções em conformidade com os objetivos estabelecidos pela empresa. (VILELA; ASSUNÇÃO, 2007).

No âmbito esportivo não é diferente. Com o processo de profissionalização² esportiva, os atletas passaram a ser remunerados e dedicar-se exclusivamente as suas funções de profissionais do esporte. Caracterizando assim um tipo de vínculo empregatício muito próximo às características das empresas (PRONI, 1998). A partir de então, aspectos relacionados ao mundo do trabalho são transpostos para o universo esportivo, como por exemplo, a busca de rendimentos, metas, postura profissional, e também o controle emocional.

Ao se pensar especialmente a esfera esportiva o controle das emoções é percebido como fator determinante para o bom ou mau desempenho do atleta. Nos programas esportivos da televisão é comum se escutar frases do tipo: “ele foi tomado pela emoção”, ou ainda, “têm nervos de aço”. Essas são algumas expressões que evidenciam o quão a emoção está atrelada ao esporte. O controle emocional é visto por muitos como o determinante para que o atleta possa alcançar suas metas e desenvolver o seu potencial. A emotividade, o descontrole, em grande medida, é visto como negativo (RIBEIRO; BAPTISTA, 2018).

No livro *Em busca da Excitação* (1992) Elias e Dunning apontam que há uma relação entre o surgimento do esporte moderno e as transformações ocorridas na sociedade europeia. O controle efetivo da violência física e monopólio da força centralizado no Estado tornaram as sociedades mais pacíficas. Os ciclos de violência e confrontos físicos eram menos agressivos e frequentes, os embates tornaram-se mais passíveis de regras e controle e mediados pelo debate, houve também progressiva sensibilidade à violência. As atividades físicas e recreativas também foram influenciadas por esse novopadrão civilizacional. Para compreender esse fenômeno Elias e Dunning (1992) partem da seguinte questão:

que espécie de sociedade é esta onde as pessoas, em número cada vez maior, e em quase todo o mundo, sentem prazer, quer como actores ou espectadores, em provas físicas e confrontos de tensões entre indivíduos ou equipes, e na excitação criada por estas competições realizadas sob condições onde não se verifica derrame de sangue, nem são provocados ferimentos sérios nos jogadores? (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 40).

Os autores percebem que há no esporte uma direção semelhante da ocorrida nos códigos de conduta e pacificação social a partir do século XVI. Os confrontos de violência física deram espaço para simulacros mediado por regras. Essas manifestações físicas tinham em seu bojo conformidade com um controle dos impulsos, afetos e

²Entende-se por profissionalização o processo de formação que visa à entrada em um determinado mercado para exercer uma função especializada com possibilidades de retorno financeiro. O profissional é aquele que detém um saber especializado no mercado de trabalho (PRONI, 1998).

sentimento. O conceito de lazer se estabelece em uma expressão mimética, visto que as atividades esportivas possibilitavam o despertar uma série de sentimentos de que não ameaça e nem perturbe a vida em comunidade. Essa forma de excitação era desejada, pois permite a presença da emoção desprovida de perigo em potencial (ELIAS; DUNNING, 1992).

A partir daí, as atividades físicas tornam-se uma via possível para o extravasamento das emoções/tensões. A sociedade além de controlar as emoções abriu espaços específicos para que elas fossem presentes. Assim, as atividades de lazer ganham um caráter para além da liberação das tensões do dia a dia, servem também como uma possibilidade de restauração do tônus mental normal do indivíduo através de uma perturbação produzida de forma temporária e passageira, de excitações não vivenciadas no cotidiano (ELIAS; DUNNING, 1992).

Essas manifestações de lazer ocorrem no limite do descontrole. Elas estão ligadas com outras dimensões sociais como a cultura, os grupos sociais e as condições e possibilidades materiais. Em espaços como estádios, quadras e campos de futebol, por exemplo, as explosões apaixonadas de emoção por seu time são permitidas aos torcedores. Em contra partida, se ocorridas em outros lugares seriam e são reprimidas pelo controle social. Os autores salientam que a busca da excitação é uma necessidade social, é um meio facilitador para a incorporação das normas. Sem esses espaços para o extravasamento das implosões internas, muito provavelmente haveria instabilidade social constate, provocada pelo controle e repressão excessiva (ELIAS; DUNNING, 1992).

A emotividade permeia as relações humanas. Nós percebemos, apreendemos e formamos determinadas maneiras de sentir em conformidade com a formação social de pertencimento, o que conferem um padrão reativo culturalmente correspondente (ELIAS; DUNNING, 1992). No esporte isso não é diferente, a administração das emoções e o comportamento dos atletas em competições esportivas têm, na maioria dos casos, relação com as características culturais do país de origem do atleta (ROJO, 2006).

Um conjunto de condutas e formas de sentir e exteriorizar as emoções são paulatinamente incorporados pela população, o que resulta em um padrão sócio comportamental desejado. Toda e qualquer conduta que seja desviante do “padrão”, ora estabelecido, pode ser entendido como inadequado ou deslocado. Mas, pensar a emotividade no esporte desdobra em outros aspectos que vão para além de um comportamento padrão, tem também relação com aspectos de identidade, marca cultural e emotiva de uma população (ROJO, 2006).

Administração da emoção no esporte

O condicionamento físico e técnico dos atletas são aspectos bastante corriqueiros no mundo esportivo. A partir do final do séc. XIX cresceu também a preocupação em preparar o atleta psicologicamente com o objetivo de otimizar a performance esportiva. Treinadores e psicólogos do esporte reiteram ser importante dar atenção para o aspecto emocional dos esportistas em grandes competições, visto que preparar bem o lado emocional pode ser fator determinante para atingir os resultados almejados (COIMBRA et al., 2008). Com o desenvolvimento das relações profissionais no universo esportivo, atletas, das mais diversas modalidades, são demandados a ter uma postura e conduta e postura emocional cada vez mais profissional. É exigido do atleta a expressão (ou não expressão) de determinadas emoções em conformidade com o papel desempenhado na competição, como representante de um grupo, time ou nação (ROJO, 2006).

Essa forma de condicionamento emocional foi apontada por Hochschild (1983) em outras esferas do mundo do trabalho. A autora verificou que existe, em quase todas as relações de trabalho, a “expropriação das emoções profundas” vinculada a uma lógica processual que impõe ao indivíduo a expressão, ou não, de determinadas emoções em conformidade com as funções exercidas. Bonelli (2003) corrobora com Hochschild

O processo no qual toma-se como referência um padrão de sentimento ideal construído na interação social, e procuram manusear e administrar suas emoções profundas para adequá-las a essa expectativa quando não estão sentindo assim internamente. (BONELLI 2003, p. 1).

Para Hochschild (1983), “trabalho emocional” significa a administração dos sentimentos em exposição pública observável exigida nas relações de trabalho. Hochschild notou que há uma transposição do sistema emocional construído na vida privada para a vida pública relacionada ao trabalho. Em sua obra (HOCHSCHILD, 1983), a autora afirma que há por parte dos funcionários um esforço em aprender a sentir, e não sentir, determinadas emoções em conformidade com o que é demandado pela empresa. Dito de outro modo é solicitado aos funcionários o adestramento de suas emoções para que elas possam ser manifestadas nas circunstâncias adequadas e em momentos oportunos do ambiente de trabalho (BONELLI 2003).

De certa forma, as observações apontamentos desenvolvidas por Hochschild (1983) também são aplicáveis ao ambiente esportivo de alto rendimento. Em primeiro lugar, os atletas de rendimento são profissionais do esporte que recebem salário para trabalhar, o que configura uma relação profissional de trabalho. Em segundo lugar, é igualmente exigido do atleta o cumprimento de metas, objetivos, resultados além de se também exigir o controle emocional (ROJO, 2006). Nesse sentido, portanto, é possível encontrar nas atividades esportivas profissionais uma relação de trabalho bastante semelhante a qualquer outra atividade profissional.

Assim, de modo similar às comissárias de bordo (objeto de estudo de Hochschild), os atletas devem desempenhar um papel e manter uma postura profissional. Os exercícios, movimentos e jogadas executados durante as competições de alto rendimento, como os jogos olímpicos, por exemplo, perpassam por uma ideia de performance de trabalho.

A se tornar um competidor de alto rendimento, por exemplo, automaticamente se torna uma figura pública vinculada a patrocinadores, a apoiadores e a um país. Isso acarreta o desenvolvimento de uma postura e desenvoltura profissional. Nesse sentido, determinadas formas como atleta evidencia e comunica sentimento de fragilidade, bravura, garra ou desespero, por exemplo, impactam diretamente na forma como a imagem do atleta e de seus apoiadores é vista (VIALÔGO, 2019).

Ao se pensar mais especificamente os atletas brasileiros há um imaginário que os enquadra dentro de algumas características, como por exemplo, a alegria e emotividade, aspectos que seriam da natureza brasileira. Essas características foram problematizadas por Sergio Buarque de Holanda no livro *Raízes do Brasil* publicado em 1936 quando se referia ao brasileiro como “o homem cordial”. No livro, Holanda (1995) caracterizava o brasileiro como um ser dominado por conteúdo emotivo imediato e pela necessidade desmedida de reconhecimento alheio (SOUZA, 1998).

Apesar de que tais afirmações e caracterizações tenham sido discutidas e polemizadas, visto que causa controvérsias, construções do imaginário social do que seria a “identidade nacional” brasileira foram e continuam sendo feitas a partir desta concepção unificadora e abstrata de cordialidade e emotividade do brasileiro. De forma

geral, nossa tradição cultural é contraposta à herança nórdica protestante, evidenciando assim um lado mais emotivo do que outras nações tidas como “frias”. Essa polarização cultural desdobrar na caracterização que enquadraram o sujeito brasileiro em um conjunto de aspectos do tipo “malandragem” e “jeitinho” brasileiro de ser (SOUZA, 1998; ROJO, 2006).

Há assim, por um lado, no “homem cordial” brasileiro o conteúdo emocional exacerbado, a falta de compromisso com as regras, mas, por outro, existe a plasticidade, adaptabilidade, capacidade de acomodação e compromisso com o gentil oriundas do “jeitinho”. Emoldurando o sujeito brasileiro nesse dualismo de vantagens e desvantagens (SOUZA, 1998).

Ao se transpor esses atributos de “brasilidade” para o esporte, eles são vistos tanto como ruins quanto como prejudiciais ao desempenho do atleta e das equipes brasileiras em competição. Entre os benéficos, o competidor brasileiro estabelece uma relação de simpatia emocional com a torcida, criatividade técnica e desenvoltura adaptável. Já entre os malefícios, há o descontrole emocional a incapacidade de lidar com frustrações, por exemplo.

Todos esses aspectos relacionados emoção, esporte e identidade nacional enquadram os atletas brasileiros em algumas características emotivas que lhes conferem uma marca distintiva. A expressividade emocional dos atletas do Brasil, em certa medida, constrói ou reforça uma pretensa “identidade emocional” ou atributos emocionais. Tais aspectos relacionados são explorados em um duplo sentido, de forma positiva e negativa. Pode-se dizer que o discurso construído por meio da emotividade do atleta encontra para além de uma expressão do que é o Brasil o reforço ou contraposição de estereótipos que são associados ao “brasileiro” ou a ideia de uma “identidade nacional” única e homogênea (ROJO, 2006).

Embora os atletas brasileiros, em geral, sejam identificados como emotivos essas características, ao mesmo tempo, acionadas, como forma de marca distintiva, e, a depender das circunstâncias, desprezadas por serem motivo de fracasso e falta de resultados (ROJO, 2006). Nesse sentido, observa-se uma expropriação dos sentimentos individuais do atleta em detrimento de uma imagem a ser “ofertada” para o público.

A relação entre emoção e desempenho é explorada de forma contextual, pois em determinados momentos o controle da emoção, de forma exacerbada, é criticado pela falta de criatividade e garra, ou seja, ausência de “malandragem”, paixão, “molecagem” ou “jeitinho brasileiro”. Mas, em outros, a deficiência de gerenciamento emocional é apontado como o motivo dos erros e os resultados ruins dos atletas em competição (ROJO, 2006).

Nesse sentido, a forma contextual de como as emoções em âmbito esportivo são gerenciadas aproxima-se das concepções de Hochschild (1983) e diferencia-se de Elias e Dunning (1992), que analisam o desenvolvimento da capacidade de autocontrole das pulsões emocionais em termos do “processo civilizatório”, com uma forma continuada e em progressão. Para os autores Elias e Dunning, os instintos de aprendizagem do autocontrole emocional seriam “condições humanas universais”, algo que seria alcançado por todas as nações. (ELIAS; DUNNING, 1992, p.74 e 75).

Em outra via, Hochschild (1983) percebe que o acionamento de determinadas emoções tem relação com uma lógica de mercado direcionada para um fim, pois, segundo a autora norte americana, é demandado dos trabalhadores, neste caso os atletas, a produção de um estado emocional para outros, público, apoiadores, patrocinadores, etc. Em contrapartida, é também exigido um controle emocional através do treinamento e supervisão das emoções.

Hochschild aponta que o trabalho emocional interfere na própria interpretação dos sentimentos daqueles que são submetidos a esse processo (HOCHSCHILD, 1983). Dessa forma, o sentimento não é mais individual e sim de um coletivo que pode ser um grupo, uma empresa, um time ou equipe esportiva e até mesmo uma nação. A cobrança sob os atletas brasileiros é, nesse sentido, paradoxal e contextual. É requerido de um lado o controle emocional, mas de outro, exige irreverência, simpatia e emoção (ROJO, 2006).

Algumas matérias jornalísticas podem evidenciar essa cobrança. O site *Salgueirofc.com.br*³ em matéria intitulada: “Brazucas: sobra vontade, mas falta equilíbrio emocional”, ilustra bem essa dicotomia dos atletas brasileiros em relação a emoção no esporte:

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro escancaram a fragilidade emocional dos atletas brasileiros. As derrotas, muitas delas frustrantes, revelam muita vontade e pouco equilíbrio dos brazucas, que se sentem ainda mais pressionados pelo fato de o país ser sede. (SITE SALGUEIRO, 2017, não paginado).

A relação entre etnicidade e aspectos emocionais é também explorada por parte da mídia. Um exemplo disso pode ser visto na forma com os jornalistas se referem à jogadora de voleibol Marianne Steinbrecher. Em matéria veiculada pelo portal eletrônico globo.com em 2014 apresenta exemplo de como há ainda uma relação nacionalidade e emotividade.

Por ter ascendência alemã, Mari é lembrada genes germânicos e característica de “frieza”. “Conhecida por sua frieza nas quadras, característica tipicamente alemã, Mari fez questão de comentar a descontração com que os jogadores alemães estão demonstrando durante essas semanas de Mundial no Brasil⁴”. É interessante perceber como tal característica é enfatizada no texto pelo jornalista. A característica emocional de Mari (frieza alemã) é apresentada como elemento primário para entender a opinião da jogadora a despeito da seleção alemã de futebol. Esse tipo de descrição emocional enquadra a jogadora de voleibol com um aspecto distintivo.

Por outro lado, em outra matéria ilustra como a emocional é prejudicial para os sportistas brasileiros:

No esporte coletivo, o futebol e o vôlei feminino e o basquete masculino escancaram o despreparo psicológico dos atletas. A pane foi total entre as meninas do vôlei na frustrante queda para a seleção chinesa. Já no basquete masculino, a falta de equilíbrio para decidir em duas prorrogações diante dos Hermanos culminou com uma frustrante e dolorida derrota. (SALGUEIRO, 2016, não paginado).

Os pontos indicados pelo site Salgueiro mostram que os sentimentos e falta de estabilidade emocional são os fatores responsáveis pelas derrotas dos atletas brasileiros. Estes aspectos acabam por sobressair se comparados, ou seja, se tem muito anseio, porém falta técnica. Em outro trecho da mesma matéria destaca:

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro escancara a fragilidade emocional dos atletas brasileiros. As derrotas, muitas delas frustrantes,

³Disponível em <http://salgueirofc.com.br/destaques/brazucas-sobra-vontade-mas-falta-equilibrio-emocional-aos-atletas-brasileiros-olimpiada-do-rio-prova-o-despreparo-brazuca> Acesso em: 10. 09.19. Acesso em 20 de set de 2019.

⁴ABRAMVEZT, David. *Com "sangue dividido", Mari torce pelo Brasil, mas vê favoritismo da Alemanha*. 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2014/07/com-sangue-dividido-mari-torce-pelo-brasil-mas-ve-favoritismo-da-alemanha.html> Acesso em: 10. 09.19.

revelam muita vontade e pouco equilíbrio dos brazucas, que se sentem ainda mais pressionados pelo fato de o país ser sede. (SALGUEIRO, 2016, não paginado).

Contudo, por outro lado, existem os defensores de uma marca que distingue os brasileiros exatamente pelo improviso e adaptabilidade. Em matéria publicada em 2016 no site da ESPN há uma exaltação do futebol baseado no “jeitinho” brasileiro se comparado com o futebol força dos europeus. O ex-técnico da seleção brasileira Carlos Alberto Parreira em declaração diz: “Mas acabamos de ver a Eurocopa, cheia de jogos pegados, corridos, mas, quando você termina o jogo, fica se perguntando onde foi parar a arte”. A arte que Parreira se refere é exatamente essa forma distinta dos jogadores de futebol do Brasil. Ainda em declaração, o ex-treinador afirma:

São jogos competitivos, mas só de toque. É tum, tum, tum, mas não sai uma jogada. Eles têm a técnica, mas não a habilidade, no geral. Faltou a improvisação e a criatividade também. Nós temos nosso jeito de jogar, de ficar um pouco mais com a bola, de tentar o drible. Não pode perder essa essência, mesmo tendo que passar por alguns ajustes (grifos do autor)⁵.

Nas palavras de Parreira é importante para os jogadores manterem os elementos de improvisação e criatividade para preservar as características de jogar dos brasileiros para não perder a essência distintiva.

Pelas falas e matérias é possível observar a forma como é solicitado dos atletas brasileiro um equilíbrio entre não se emocionar e perder as características do jeito tupiniquim. O balanceamento da emoção no esporte é fator que perpassa não só o indivíduo, mas está ligado a uma característica e identidade social acrescida de uma exigência do mundo no trabalho dos atletas profissionais (ROJO, 2006).

Nesse sentido, heterogeneidade discursos e suas imbricações são relacionadas com a expectativa de que os atletas brasileiros, de diversos esportes, expressem uma emotividade “tipicamente brasileira”. Há desse modo, um conjunto de polifonia discursiva “onde diversos atores, tais como a família, mídia, dirigentes, torcedores e outros, definem expectativas de comportamento diferenciadas para diversos grupos de atletas.” (ROJO, 2006, p 2). Isso a acaba por conferir ao atleta brasileiro uma expropriação de suas emoções no sentido de expressar, ou não, um determinado tipo de emoção em conformidade com o contexto.

Sendo assim, para compreender as emoções no meio esportivo outros fatores devem ser relacionados como: religiosidade, origem social, condição de reconhecimento, tipo de modalidade esportiva, cobrança, visibilidade. Não é possível fazer uma associação direta da emoção com apenas aspectos do tipo etnicidade e gênero, ou identidade nacional, por exemplo.

Desse modo, os discursos verbalizados a respeito das emoções dos atletas estão permanentemente constituindo e reforçando ou contrapõe-se aos estereótipos que são associados ao “brasileiro” e a sua emotividade a depender a circunstância. Observa-se que, em determinados momentos, é cobrada uma atitude mais “brasileira”, reafirmando então a sintonia com a emotividade, e, em outros momentos, essa brasilidade é desprezada por ser o motivo da derrota.

Em uma sociedade complexa como é o caso da sociedade brasileira, dificilmente é possível encontrar homogeneidade emocional que caracterizaria o ser

⁵ESPN. *Parreira exalta 'futebol-arte' do Brasil e critica europeus: Têm técnica, mas não habilidade*. 2016. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/629528_parreira-exalta-futebol-arte-do-brasil-e-critica-europeus-tem-tecnica-mas-nao-habilidade. Acesso em: 10.09.19.

brasileiro. Por isso, a ideia de um “padrão emocional” carrega caráter dúbio e contextual ligado a estereótipos.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi de apresentar algumas reflexões teóricas sobre a sociologia das emoções ligadas com os esportes. Por meio das obras dos autores Norbert Elias, Eric Dunning e Arlie Hochschild, entre outros foi possível estabelecer um paralelo entre a administração das emoções e o esporte.

Em um primeiro momento foi discutido que as características emotivas das pessoas têm relação com uma identidade cultural de como um povo se relaciona com os diversos sentimentos como apontaram Elias e Dunning (1992). Esse manejo com as emoções podem, em grande medida, definir a forma comportamental de uma sociedade, a maneira como membros pertencentes a uma cultura vão se expressar. Pensando desta forma, as reações sentimentais são entendidas como um espírito social, uma distinção ou marca cultural.

Ademais, o esporte, por ser um produto intangível, mexe com a emoção das pessoas. É demandado daquelas que fazem parte dele a transposição de sentimentos para que proporcione ao expectador uma boa experiência de gerar emoções. É almejado pelo espectador emocionar-se com os lances e atuações dos atletas das mais diversas modalidades. Nesse sentido, há um gerenciamento das emoções no universo esportivo.

Com o desenvolver das reflexões, foi possível perceber uma semelhança entre a forma de trabalhar os sentimentos no mundo empresarial apontado por Hochschild (1992) e a necessidades do controle da emoção no mundo do esporte. Nesses dois universos o gerenciamento as emoções é bastante semelhante. É demandado dos indivíduos um controle das emoções no exercício de suas funções. Há, assim, uma expropriação das emoções profundas em detrimento de uma imagem ou construção social da emotividade.

Pensando mais especificamente o caso dos atletas brasileiros, há um imaginário relacionado com o discurso sobre a nação e sobre a forma de sentir do brasileiro que ovinclado, ou é esperado, com as formas de agir. Cria-se uma relação de emoção, vida social e características de povo a ser “vendido” em competições de alto nível como marca de distinção do “jeito brasileiro”. Por outro, em outros momentos, é recusado por ser entendida como prejudicial ao desempenho dos competidores. Os atletas brasileiros, nesse sentido, são duplamente exigidos no gerenciamento de suas emoções.

Reivindica-se do competidor brasileiro ter qualidade técnica e um maior controle das emoções e, além disso, expressar determinadas emoções como sua característica nacional.

Assim, a análise sobre a emoção no esporte possibilitou perceber que, no universo esportivo brasileiro, aspectos emocionais dos competidores servem para elaborar ou reforçar pretensas ideias de identidade nacional, e que essas características influencia nas formas como é construído e interpretado o desempenho do competidor brasileiro.

Referencias

ALVES, Diana Rute Pereira. **O Emocional e o Social na Idade Escolar: Uma Abordagem dos Preditores da Aceitação pelos Pares**. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado), Curso de Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade do Porto, Porto, 2006.

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 357-372, 2004.
- COIMBRA, Danilo Reis et al. Importância da psicologia do esporte para treinadores. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 6, p. 419-429, 2008.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985.
- EU COMENTO ESPORTES. **Com "sangue dividido", Mari torce pelo Brasil, mas vê favoritismo da Alemanha**. https://eucomentoesportes.blogspot.com/2014_07_07_archive.html. Acesso em: 29.10.2019.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HILLEBRAND, Márcia. **Cantos tradicionais**: uma leitura da cultura germânica. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The managed heart**: Commercialization of human feeling. California: Press, 2012.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de; EULÁLIO, Alexandre; RIBEIRO, Leo Gilson. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IIZUKA, Cristina Akiko et al. Controle da ansiedade em mesa-tenistas e a sua relação com o desempenho esportivo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n. 4, 2009.
- JASPER, James M. **Protesto**: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. As ciências sociais das emoções: um balanço. **RBSE Revista Brasileira de Ciências Sociologia das Emoções**, v. 5, n.14/15, p.137-157, 2006.
- LUISA, Ingrid. **Estamos mais tristes e zangados do que no ano passado, diz pesquisa global**. 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/estamos-mais-tristes-e-zangados-do-que-no-ano-passado-diz-pesquisa-global/> Acesso em: 23.09.2019.
- MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-usf**, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015.
- MORAES, Luiz Carlos. Ansiedade e desempenho no esporte. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 4, n. 2, p. 51-56, 2008.
- PILATTI, Luiz Alberto. Uma leitura figuracional da progênie dos esportes. In: **Anais do simpósio internacional processo civilizador**, 11, 2008, Buenos Aires. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, pp. 459-473.2008

- PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 1, n. 1, pp. 73-73, 1998.
- RIBEIRO, Luiz Gustavo Cadinelli; BAPTISTA, Rafael Pietro Garcia. Influência da preparação psicológica na performance esportiva. **Cadernos UniFOA**, v. 6, n. 2 Esp, pp. 218-230, 2018.
- ROJO, Luiz Fernando. Discursos sobre a emoção entre atletas olímpicos brasileiros. **Esporte e Sociedade**, 2006.
- SALGUEIRO, Fabio. **Brazucas esbanjam vontade, mas falta equilíbrio emocional**. 2016. <https://xml.terceirotempo.uol.com.br/noticias/brazucas-esbajam-vontade-mas-falta-equila-brio-emocional> . Acesso em: 20.08.2019.
- SAMULSKI, Dietmar. **Tênis: dicas psicológicas para vencer**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 2006.
- SOUZA, Jessé. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 13, n. 38, 1998.
- VIALÔGO, Daniel. **Marketing pessoal no futebol: trabalhando e preservando a imagem do atleta**. 2019. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/marketing-pessoal-no-futebol-trabalhando-e-preservando-a-imagem-do-atleta> . Acesso em: 05 11.2019.
- VIEIRA, LenamarFiorese et al. Estado de humor e desempenho motor: um estudo com atletas de voleibol de alto rendimento. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 10, n. 1, pp. 62-68, 2008.
- VILELA, Lailah Vasconcelos de Oliveira; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Trabalho emocional: o caso dos teleatendentes de uma central de atendimento. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 10, n. 2, pp. 81-93, 2007.

